Macabéa: um diálogo entre Clarice Lispector e Conceição Evaristo

Palavras-Chave: ***A hora da estrela*; *Macabéa, flor de mulungu*; outros saberes**

Virginia de Souza Campos, IEL-Unicamp

Prof. Dr. Jefferson Cano, IEL-Unicamp (orientador)

Profa. Dra. Laísa Marra, IEL-Unicamp (coorientadora)

A hora da estrela, último livro publicado em vida por Clarice Lispector, responde, em certa medida, às críticas que a acusavam de não tratar de questões sociais em sua obra (Gotlib, 2013). *Macabéa, Flor de Mulungu*, de Conceição Evaristo, por sua vez, faz parte de um projeto da editora Oficina Raquel intitulado *Personagens reescritos*, que se propunha a revisitar a obra de Lispector com novos olhares, entre aproximações e rupturas. Neste trabalho investigativo, temos como objeto de análise a construção da personagem Macabéa, protagonista de ambas as obras. Buscamos verificar o tipo de relação que está sendo estabelecida entre os textos, com objetivo de interpretar seus pontos de aproximação e distanciamento, a partir da análise da voz narrativa e da relação com o saber. Diante disso, apresentamos a seguinte questão de pesquisa: Como a Macabéa criada por Conceição Evaristo (2012) conversa com o seu lugar de nascimento, a novela clariceana *A hora da estrela* (1977)? Para discutir essa questão, vamos examinar dois pontos centrais nas obras: a posição de quem narra os enredos e o lugar ocupado pelo saber nas tramas. No que diz respeito à voz narrativa, em *A hora da estrela*, podemos observar uma necessidade objetiva de distanciamento entre a autora e a personagem, já que a voz narrativa é de Rodrigo S.M, narrador criado por Lispector. Aqui, um homem, que exerce a escrita literária como profissão, e tem, portanto, um lugar social de prestígio, conta a história de Macabéa, uma mulher nordestina migrante, empobrecida, que atua como datilógrafa e exerce mal seu fazer, como retratam os trechos a seguir: "Ela que deveria ter ficado no sertão de Alagoas com vestido de chita e sem nenhuma datilografia, já que escrevia tão mal, só tinha até o terceiro ano primário. Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra" (Lispector, 1998, p. 15). Mais adiante, acrescenta que "ela era incompetente. Incompetente para a vida." (1998, p. 24)

Já em *Macabéa, Flor de Mulungu*, Evaristo se aproxima tanto da protagonista a ponto de dizer que é a própria personagem, ela mesma e todos os seus. "Macabéa, a Flor de Mulungu, sou eu. Tal é minha parecença-mulher com ela. Repito, sou eu e são todos os meus" (Evaristo, 2023, p. 11). Há, neste caso, uma fusão quase completa entre vida e ficção, própria do conceito de *escrevivência*, por ela cunhado.

Justamente nessa aproximação entre narradora e personagem, as lentes ficcionais devolvem a complexidade de Macabéa, que agora aparece restituída de sua identidade, com direito à história, memória e futuro.

Nesse sentido, em relação ao lugar do saber nas narrativas, apontamos que já no título do conto evaristiano, *Macabéa, Flor de Mulungu*, há uma alegoria de resistência, em que conhecimentos ancestrais milenares são valorizados. Conhecida como "amansa senhor" (Pimenta, 2022) devido às suas propriedades soníferas, a infusão da flor de mulungu foi utilizada como estratégia de comunicação das pessoas escravizadas com os seus senhores, já que, depois de tomar o chá, os últimos demonstravam mais calma, o que poderia facilitar as negociações em torno da compra da alforria. Assim, o conhecimento sobre ervas e seus múltiplos usos podem ser lidos como uma ferramenta historicamente vinculada à conquista de uma certa liberdade pelos povos situados às margens de condições dignas de existência. Não apenas no título, também no enredo essa sabedoria é retratada: "Esses e mais conhecimentos, repito, Macabéa herdara de seus bons antecedentes. Os povos das florestas e aqueles que tinham chegado, banhado da água salgada do mar, mantinham uma vital intimidade com as plantas" (Evaristo, 2023, p. 20).

Tais conhecimentos resistiram ao tempo e continuam a circular na atualidade, nas práticas de curandeiras, benzedeiras, quilombolas, verdadeiras guardiãs das culturas afro-brasileiras. As plantas são parte da identidade cultural e religiosa de muitos povos, sobretudo negros e indígenas, os quais estabelecem uma relação ancestral entre si (Kidoiale, 2023), materializada em técnicas de plantio e cultivo tradicionais, inscritas na memória e transmitida de geração em geração, caso das sementes crioulas preservadas pela ação de agricultoras/es quilombolas através da melhoria de sementes antigas (Almeida, 2021). Além de garantir autonomia alimentar e preservar a biodiversidade, as sementes crioulas sustentam ritos de troca antigos, baseados nos princípios de solidariedade, espiritualidade e conservação, que caracterizam as culturas quilombolas. Um exemplo bastante atual da prática de preservação das sementes e dos usos de ervas medicinais pode ser visto nas tradições de raizeiras. Lucely Pio, uma mestra raizeira do cerrado brasileiro, da comunidade quilombola do Cedro (GO), professora e pesquisadora, é uma das autoras do livro *Farmacopeia popular do cerrado* (2009), iniciativa que ilustra um importante registro documental escrito dos saberes tradicionais. Menciono essa obra porque ela subverte a lógica de sociedades grafocêntricas que tende a desvalorizar conhecimentos transmitidos pela oralidade, especialmente aqueles produzidos por grupos subalternizados.

A partir dos saberes gestados na intimidade com a terra, Lucely Pio, cuja avó dizia que as plantas se revelam para nós, desenvolve projetos em parceria com a secretaria de saúde de sua região, ensinando agentes da saúde a produzir xaropes com plantas do cerrado, além de atuar como professora universitária, na Universidade de Brasília (UnB), por meio do *Encontro de Saberes* (Carvalho, 2018; Carvalho, 2023). Um dos resultados da implementação da Lei nº 12.711/2012, conhecida como Lei de Cotas, que permitiu o alargamento da presença de estudantes negros e indígenas nas universidades brasileiras, o *Encontro de*

Saberes representa uma conquista das reivindicações desse corpo discente por reformular os currículos dos cursos de graduação e pós. Desde 2010, o objetivo desse projeto consiste em incluir mestras e mestres dos saberes tradicionais nas universidades brasileiras na posição de docência, fazendo com que esses conhecimentos alcancem uma legitimidade até então negada.

Denominados academicamente de "outros saberes", em contraste com os conhecimentos produzidos na academia, ou "confluência de saberes", em uma perspectiva contracolonizadora defendida pelo líder quilombola Antônio Bispo dos Santos (2023), esses conhecimentos ligados a culturas contra-hegemônicas têm questionado as epistemologias que circulam nas grades curriculares tradicionais, interrogando seus pressupostos colonialistas. Provocar fissuras no discurso hegemônico implica fazer o Brasil pensar a si mesmo a partir de outras epistemologias, seja na literatura, seja em outros campos do conhecimento; é um desafio que se impõe para o desmonte da mentalidade ancorada na branquitude. Nessa direção, o conceito de ancestralidade se mostra necessário e importante para fundamentar e legitimar outras matrizes filosóficas, a exemplo das epistemologias negras. No ensaio magistral de Alice Walker (2021), *Em busca dos jardins de nossas mães*, somos convidadas a pensar produções de conhecimentos validados por trajetórias ancestrais, não exclusivamente em departamentos universitários, ainda que ocupar este espaço signifique uma conquista na disputa política-teórica em torno dos quadros de referências, mecanismos interpretativos e de produção de sentidos.

Além do ofício de curandeira, acima apontado, Conceição Evaristo (2023) provoca deslocamentos de sentidos e rasuras no imaginário hegemônico ao descrever as ocupações de Macabéa em partejar e cerzir. Como parteira, Macabéa recebe em suas mãos, a vida gerada por mulheres negras, afirmando a descendência do povo e da cultura afro-brasileira:

> Com as mãos desempenhando outro ofício, pegava a criança que se apresentava ao mundo. Macabéa, partícipe ativa de um enigma, que é o de nascer. Com naturalidade ela partejava as mulheres sem que nenhum rebento tomasse a via contrária. Sim, todos nasciam vivos. Por isso mesmo, era sempre solicitada e afirmavam a divindade de suas mãos. Mãe e criança ficavam sempre salvas. Macabéa gostava desse ofício. Caminho inesperadamente tomado um dia, ao socorrer sozinha uma parturiente, cujo bebê apressado resolveu antecipar a hora do nascimento. As três parteiras que havia na cidadezinha, desde a noite anterior, estavam no labor de amparar a vida, enquanto outros nascedouros estavam se abrindo. Naqueles dias, parecia que as mulheres prenhes haviam combinado de parirem juntas, todas quase que na mesma hora. Dos gritos de uma, aos ai-ais de outra, uma rede de mil gemidos coletivizados, banhados de sangue, inundavam o mar. E as crianças nascidas juntas, signo dessa cumplicidade sacralizada, pelo parido pranto conjunto dessas mulheres, cresceram se saudando como irmãs. Porém, o rebento maior que esse parto coletivizado pariu foi a entronização da menina Béa do divino ofício (Evaristo, 2023, p. 23-24).

O ato de partejar de Macabéa reinscreve a simbologia da maternidade negra no corpo da literatura brasileira, admitindo a maternidade como um elo fundamental entre a herança ancestral e a perpetuação da negritude. Trata-se de uma resposta ao recalcamento da maternidade negra na literatura branco-brasileira, conforme demonstram Nascimento (2015) e Evaristo (2003).

A respeito desse ofício, importa ressaltar que, no Brasil, ele costuma ser exercido e preservado majoritariamente por mulheres não brancas (IPHAN, 2021), apresenta caráter associativo, comunitário e afetivo, conectando as mulheres envolvidas em uma rede. As parteiras são detentoras de um repertório de saberes e práticas adquiridos com as gerações passadas, que incluem desde conhecimentos fitoterápitos, rezas e técnicas corporais até os cuidados de resguardo, amamentação e reabilitação de puérperas. Conforme Maria José Galdino da Silva (2022, p. 113-114): "Temos um legado que é da nossa comunidade, uma forma de trazer pessoas ao mundo que jamais deixará de ser importante". Considerando os afetos restituídos no ofício das parteiras, podemos ler a Macabéa evaristiana como uma personagem que não só devolve a humanidade às mulheres negras, mas também confere a elas a possibilidade de escrever futuros. Futuros que dignificam as suas vidas.

O ofício de cerzir, por sua vez, já foi anunciado na obra-fonte de Macabéa, como demonstra o seguinte trecho de *A hora da estrela*: "A moça tinha ombros curvos como os de uma cerzideira. Aprendera em pequena a cerzir. [...] Cerzideirinha mosquito. Carregar em costas de formiga um grão de açúcar. Ela era de leve como uma idiota, só que não o era. Não sabia que era infeliz (Lispector, 1998, p. 26)", e é recuperado de forma oposta em *Macabéa, Flor de Mulungu*. O trabalho de costura adquire uma dimensão valorativa na narrativa de Conceição Evaristo, retratando as suturas da memória e esquecimento na nossa própria História, em um movimento de desocultação das violências e mazelas que se pretende esconder.

> De todas as funções exercidas, o ato de cerzir era o que mais seduzia a moça. E de todas as peças, as que vinham sempre em abundância para a cerzideira, eram lenço. Noite e dia. Alguns chegavam tão puidinhos, tão enfraquecidos e com os fios tão visivelmente rompidos, que não passavam de molambos pendentes à morte, ao esquecimento. Para esses então, o afazer da moça não se resumia somente em restaurar os fios esgarçados. Era tudo o mais. Tratava-se de recompor, de devolver a vida que ali existiu (Evaristo, 2023, p. 23).

Tal qual a instalação *Parede da memória* (1994-2015), composta de 1500 patuás – amuletos de proteção de religiões de matriz africana – com onze retratos de família multiplicados, da artista visual Rosana Paulino (2020), o texto de Evaristo evoca uma investigação da identidade negra assentada em uma visibilidade que a confere nomes próprios. Nos patuás da obra de arte, os arremates do tecido foram costurados com linhas grossas, mostrando as violências sofridas no corpo das pessoas negras, bem como as possibilidades de reescrita da história pessoal e social entrelaçadas, como dito em *Macabéa, Flor de Mulungu*, para restaurar os fios esgarçados, devolvendo vida a eles.

De forma geral, é possível concluir que Conceição Evaristo promove uma reversão dos estereótipos reproduzidos no romance clariceano, oferecendo à Macabéa uma possibilidade de renascimento a partir do resgate de saberes e práticas ancestrais. Ao deixar de ocupar um lugar de mulher outrizada (nordestina, pobre) que nada sabe, o texto reescrito não traduz um simples gesto de intertextualidade, nem tampouco representa uma simples homenagem à Clarice Lispector, mas funciona como um suplemento (Derrida, 1973), uma colisão que busca suprir as lacunas deixadas pela tradição literária brasileira. Nesse lugar

fronteiriço, assinalado pela carência e vazio, outras vozes e imagens se instalam, se fazem ouvir, se fazem presentificadas, reafirmando o projeto literário de Conceição Evaristo, c retirando as mulheres racializadas de estereótipos e do silenciamento a que são confinadas no campo literário canônico. A Macabéa quase cômica de Lispector renasce no texto de Conceição Evaristo cheia de sabedoria e disposta a reivindicar o direito de seu povo reescrever a Literatura e a História.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Carlídia Pereira de. Sementes crioulas, da ancestralidade para a atualidade: o protagonismo dos saberes tradicionais do povo quilombola de Lagoa do Peixe. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org.). **Mulheres quilombolas**: territórios de existências negras femininas. São Paulo, Sueli Carneiro/Jandaíra, 2021. p.145-156.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. **A terra dá, a terra quer.** São Paulo, Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

CARVALHO, José Jorge de. Encontro de saberes e descolonização: para uma refundação étnica, racial e epistêmica das universidades brasileiras. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFOGUEL, Rámon (org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico.** Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2018. p. 79-106.

CARVALHO, José Jorge de et al. Apresentação. In: CARVALHO, José Jorge de et. al. (Org.). **Ayé: Revista de Antropologia**, Acarape, v. 5, n. 1, 2023.

COLLINS, Patria Hill Collins. Pensamento feminista negro: o poder da autodefinição. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de. **Pensamento feminista:** conceitos fundamentais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2019, p. 271-311.

DERRIDA, Jacques. **Gramatologia.** Trad. Miriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo, Perspectiva, 1973.

EVARISTO, Conceição. Gênero e Etnia: uma escre(vivência) de dupla face. In: **Seminário Nacional Mulher e Literatura, 10; Seminário Internacional Mulher e Literatura, 1.** UFPB, 2003.

EVARISTO, Conceição. **Macabéa: flor de mulungu.** Rio de Janeiro, Oficina Raquel, 2023.

IPHAN. **Dossiê Parteiras Tradicionais do Brasil.** Pernambuco, Iphan MinC, 2021.

KIDOIALE, Makota. As plantas, nossos ancestrais. In: CARNEVALLI et. al. (Org.). **Terra: antologia afro-indígena.** São Paul; /Belo Horizonte: Ubu Editora; PISEAGRAMA, 2023. p. 87-102.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela.** Rio de Janeiro, Rocco, 1998.

GOTLIB, Nádia Battella. **Clarice: uma vida que se conta.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013.

NASCIMENTO, Beatriz. Literatura e identidade. In: RATTS, Alex; GOMES, Bethânia (Ed.). **Todas (as) distâncias:** poemas, aforismos e ensaios de Beatriz Nascimento. Salvador: Editora Ogum's Toques Negros, 2015. p. 108-112.

PAULINO, Rosana. Outras línguas: três artistas brasileiras. In: HOLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista hoje:** perspectivas decoloniais. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2020. p. 352-363.

PIMENTA, Tânia Salgado. Curas, rituais e amansamentos com plantas entre escravizados e libertos no Rio de Janeiro, entre as décadas de 1810 a 1850. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas,** v. 17, n. 1, p. 1-13, 2022.

SILVA, Maria José Galdino da. Ser a vereadora mais votada sem fazer campanha, a casa de parto e a magia de “pegar criança”. In: LOSITO, Lucila (Org.). **Mulheres de terra e água**. São Paulo: Elefante, 2022. p. 104-115.

WALKER, Alice. **Em busca dos jardins de nossas mães:** prosa mulherista. Trad. Stephanie Borges. Rio de Janeiro, Bazar do Tempo, 2021.